

A dêixis emocional em português europeu contemporâneo: alguns contributos

Ana Cristina Macário Lopes

Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra/CELGA-ILTEC

Abstract:

This paper is a contribution to the description of the structures that express emotional deixis, in European contemporary Portuguese. The analysis of our empirical data show that, in Portuguese, demonstratives are not the only category that encodes emotional deictic meaning; possessives and first person plural display the same function, in some contexts. It is also discussed the semantic bleaching of the deictic space adverbs *cá* and *lá* and it is argued that it can only be described and explained in illocutionary terms, and not in the framework of emotional deixis.

Keywords: emotional deixis, European contemporary Portuguese

Palavras-chave: dêixis emocional, português europeu contemporâneo

Introdução

A dêixis é um domínio que continua a suscitar investigação nos nossos dias e a desafiar de forma acutilante teorias linguísticas formais que concebem a linguagem verbal como um sistema simbólico de representação objetiva do mundo, ignorando o papel incontornável do(s) contexto(s) na representação semântica dos enunciados. Como assinala de forma pertinente Levinson (2004:97), “*deixis introduces subjective, attentional, intentional and, of course, context-dependent properties into natural languages*”, evidenciando a natureza eminentemente socio-comunicativa da linguagem humana. Embora não haja ainda uma tipologia das expressões dêiticas consensualmente aceite na comunidade linguística, com um grau de descrição interlinguística adequado, é clássica a consideração de três categorias básicas da dêixis – dêixis pessoal, espacial e temporal –, ancoradas nas coordenadas enunciativas *eu, aqui, agora* (Lyons 1977, Levinson 1983, e.o.). Mas estes domínios não esgotam o âmbito da significação dêitica da linguagem verbal, pelo que diversos autores têm ampliado a tipologia tradicional clássica (cf. Huang 2014, Birner 2013).

Encontra-se em Lopes (a publicar) um breve apontamento sobre a deixis emocional no português europeu contemporâneo (doravante PEC), que visava funcionar como um incitamento à pesquisa numa área pouco explorada no que à nossa língua diz respeito, e que articula, a nosso ver de forma muito produtiva, perspetivas pragmáticas e cognitivas. Este artigo visa contribuir para o aprofundamento do conhecimento na área, convocando dados empíricos recolhidos no Corpus de Referência do Português Contemporâneo (CRPC) e no CETEMPúblico, mas também exemplos construídos e um outro retirado da imprensa contemporânea.

1. A dêixis emocional

Lakoff (1974) é um ponto de referência incontornável para aqueles que se propõem investigar na área da dêixis emocional. De facto, tudo indica ser esta autora quem utiliza pela primeira vez a designação em apreço, focalizada no funcionamento particular dos demonstrativos em certos contextos de uso. Veja-se o que diz Lakoff (1974:347):



Under this rubric I place a host of problematical uses, generally linked to the speaker's emotional involvement in the subject-matter of his utterance. Since emotional closeness often creates in the hearer a sense of participation, these forms are frequently described as used for 'vividness.' And since expressing emotion is — as I noted last year — a means of achieving camaraderie, very often these forms will be colloquial as well. This is used for several reasons, all linked to the achievement of 'closeness,' like spatio-temporal this, in a rather extended sense.

Também em Lyons (1977) se reconhece que a existência de uma dêixis “empática”, sendo de novo os demonstrativos o objeto de análise. Assim, na gênese da consideração da dêixis emocional ou empática, parece ser consensual a assunção de uma extensão metafórica da dêixis espacial: os demonstrativos, que prototipicamente codificam proximidade ou distância da entidade referida relativamente ao espaço físico ocupado pelo falante (e, em português, também pelo ouvinte), passam a codificar proximidade ou distância emocional, afetiva ou empática do falante face ao referente em causa. Por outras palavras, assiste-se a uma transposição metafórica do domínio-fonte que envolve localização espacial dêitica para o domínio-alvo que envolve “localização” no espaço afetivo do falante. E, de acordo com o que a Linguística Cognitiva tem vindo a defender (cf. Lakoff 1993, e.o.), o mapeamento metafórico preserva a “topologia cognitiva” do domínio-fonte, o que significa que o domínio-alvo preserva e reflete a conceptualização do primeiro. Quer isto dizer que os demonstrativos que sinalizam proximidade e distância no espaço físico continuam a assinalar os mesmos valores no espaço afetivo do falante.

Em estudos mais recentes, nomeadamente Potts & Schwarz (2000), encontra-se uma resenha das construções em que o uso dos demonstrativos assume um significado afetivo em inglês, sendo usados sem que haja um qualquer antecedente discursivo. São elas: (i) construções com um SN cujo núcleo é um nome próprio (*This Henry Kissinger is really something!*); (ii) construções que envolvem SN genericamente interpretados (*These IBM ThinkPads are amazing!*); (iii) construções com SN em leitura indefinida específica (*Ed has this grumpy old aunt...*).

Os mesmos autores, na esteira da reflexão de Lakoff (1974), consideram que este uso dos demonstrativos ocorre em predicacões de índole eminentemente avaliativa, (podendo a avaliação ser positiva ou negativa) e defendem que há uma conexão entre as construções com demonstrativos afetivos e os enunciados exclamativos, dado que estes últimos expressam sempre um estado emocional do falante, sendo intrinsecamente avaliativos. Assim, o estudo da dêixis emocional articula-se também com um terreno mais vasto de investigação, focado na descrição do significado expressivo, um nível de significação linguística que tem vindo a ganhar relevo na investigação semântico-pragmática contemporânea.¹

2. A dêixis emocional no PEC

Tendo em conta os contributos dos autores acima referidos, tentar-se-á, nesta secção, contribuir para a descrição dos principais suportes linguísticos da expressão da deixis emocional no PEC.

Partiremos de uma definição de deixis emocional suscetível de abranger outros elementos dêiticos para além dos demonstrativos. Assim, diremos que a deixis emocional envolve a expressão, por parte do falante,

¹ A natureza não homogénea do significado linguístico e, mais especificamente, a existência de uma dimensão expressiva do mesmo, não é algo recente, na história da investigação quer em linguística quer no âmbito da filosofia da linguagem. Autores como Bühler, Jakobson, Halliday, Searle, entre muitos outros, reconheceram explicitamente que a linguagem não se limita a representar o mundo, antes se abre ao desempenho de outras funções. No entanto, a semântica clássica privilegiou durante décadas a dimensão referencial do significado e só nos nossos dias se assiste a uma recolocação do significado expressivo na agenda, com trabalhos como os de Potts 2007, Majid 2012, entre outros.



de proximidade ou distância afetiva relativamente à entidade referida, pelo uso de itens que integram as categorias clássicas da dêixis. Ao serem usados ao serviço da dêixis emocional, tais itens induzem um efeito de solidariedade com o ouvinte, sinalizando que o falante o deseja envolver emocionalmente, e criam um efeito de proximidade e sentimento partilhado.

Percorrendo a bibliografia disponível no que ao português diz respeito, verificamos que em Cunha & Cintra (1984), Neves (2011) e Raposo *et al.* (2013) há já algumas observações sobre o uso dos pronomes demonstrativos e possessivos que podem ser incluídos na categoria da dêixis que nos propomos sistematizar e aprofundar neste estudo.

2.1. Demonstrativos

Começamos, então, pelos dêiticos espaciais que ocupam um lugar proeminente na expressão da dêixis emocional, na literatura disponível. O sistema dêitico espacial do português engloba o subsistema pronominal dos demonstrativos e um conjunto de advérbios de lugar. Contrariamente ao que acontece, por exemplo, em inglês ou em francês, em português os demonstrativos configuram uma série tripartida, expressando três filtros de vizinhança (Lopes 1971): *este* marca proximidade relativamente ao falante, *esse* marca proximidade relativamente ao interlocutor e *aquele* marca distância relativamente a ambos. Há ainda um conjunto de demonstrativos que, ao contrário dos que acabámos de mencionar, não flexionam nem em género nem em número: *isto*, *isso* e *aquilo*. Estes demonstrativos invariáveis são tipicamente aplicáveis a objetos e, em termos de localização espacial, integram o esquema tripartido acima referenciado. Assinale-se que este esquema tripartido pode ser analisado, se se adotar uma outra perspetiva, como um esquema binário de marcação de *proximidade* vs. *distância* (sendo o ponto de referência da localização o locutor), admitindo o valor *distância* uma subespecificação suplementar: proximidade do interlocutor e distância relativamente a ambos os participantes da interação verbal.

De acordo com a perspetiva dominante, segundo a qual se verifica uma projeção metafórica da proximidade/distância física para a proximidade/distância emocional, seria expectável que encontrássemos, em português, usos afetivos de demonstrativos. E, de facto, tal acontece. Começamos por analisar algumas coocorrências de SN com nomes próprios:

- (1) *ext1231266-nd-92b-2*: Contudo, dentro do princípio do mal menor, entre *esse Bush* que se tornou uma caricatura de uma América que esconde a sua imoralidade política sob a máscara de um intolerável puritanismo e um Clinton abonado por uma tradição democrática que tem a preferência de uma América mais limpa de espectros intoleráveis e mesmo nazificantes, como Klux Klans, é evidente que a minha preferência não pode deixar de ir para este último.
- (2) *ext1177698-nd-96a-2*: Parece um novo homem *este Cavaco Silva* que o Público acompanhou pelo Norte durante este fim-de-semana.
- (3) Por causa do que ele designa de “*aquele pulha do Bryan Adams*”, “Donôt Try This at Home” não chegou a número um dos tops, mas não é menos evidente que a vitória moral ninguém lha tira. (CRPC)

Em (1), o jornalista poderia ter optado, como fez de seguida relativamente a Clinton, pelo uso do indefinido *um* ou simplesmente pela ausência de determinante, legitimada em PEC quando se refere uma personalidade da esfera política ou cultural que pertence à nossa memória coletiva. No entanto, a escolha recaiu sobre *esse*, e tal escolha parece-nos claramente motivada: ao optar por um dos demonstrativos que



sinaliza distância relativamente ao falante, o jornalista adota, face à entidade referenciada, uma atitude de não empatia, coadjuvada, aliás, pelo discurso subsequente.

Em (2), parece verificar-se o oposto, ou seja, o jornalista seleciona um demonstrativo de proximidade onde poderia ocorrer um artigo definido. Numa construção do tipo ‘o + Nome Próprio + modificador’ (*este Cavaco Silva que o Público acompanhou pelo norte...*), não se referencia o indivíduo enquanto tal, mas sim uma fase temporalmente delimitada desse indivíduo. Com o demonstrativo, tal valor referencial mantém-se, mas acrescenta-se um valor de empatia pelo político em apreço, ausente na construção com artigo.²

O exemplo (3) foi extraído do CRPC e ilustra uma construção nominal com a seguinte estrutura: demonstrativo + nome avaliativo³ + de + nome próprio. Em Brito & Raposo (2013: 1080 e ss.), analisam-se construções afins, que apenas diferem da que o exemplo (3) ilustra pelo facto de, na posição do demonstrativo, ocorrer um artigo definido; tais construções são designadas de *sintagmas nominais inversos predicativos* (Brito & Raposo 2013). Como pertinentemente assinalam os autores, em construções deste tipo é necessário distinguir o núcleo gramatical do núcleo semântico: em (3), o núcleo gramatical é a palavra *pulha*, mas o núcleo semântico é o SN complemento da preposição *de*, ou seja, *o Bryan Adams*. São construções com valor referencial, sendo este herdado do SN complemento da preposição *de*, que exprimem uma avaliação tipicamente negativa do falante sobre a entidade mencionada. Ora a escolha do demonstrativo *aquele* em detrimento do artigo definido aponta de novo para uma escolha motivada, marcando distância afetiva por parte do locutor e reforçando a avaliação negativa já expressa pela construção.

Note-se que não são apenas os nomes avaliativos com valor pejorativo que são compatíveis com o valor dêitico emocional do demonstrativo *aquele*. Na esteira de Brito & Raposo (2013: 1084), diremos que também nomes ou adjetivos de avaliação positiva, como por exemplo *génio* ou *inteligente*, ao serem inseridos na construção em apreço ativam uma apreciação irónica do falante sobre a entidade referenciada. Veja-se o exemplo construído que se segue:

- (4) Aquele inteligente do meu sobrinho não conseguiu entender a proposta que lhe fiz.

Atente-se agora no exemplo (5):

- (5) *ext1022957-nd-91b-1*: O serviço é atento e os preços, comparados com os que se praticam por *essa Lisboa*, não são exagerados.

O enunciado seria perfeitamente gramatical sem a ocorrência do demonstrativo, já que Lisboa é um dos topónimos que em português se usa tipicamente sem artigo. Assim sendo, a ocorrência do demonstrativo contribui para o carácter marcado da construção; ora, se tivermos em conta que expressões marcadas são usadas para comunicar mensagens marcadas (Levinson 2000), então a presença do demonstrativo marca seguramente a intenção suplementar de o falante se inscrever emocionalmente no seu enunciado. E a escolha de *essa*, em detrimento de *esta*, parece sinalizar distância afetiva.

Até aqui, apenas nos referimos a demonstrativos com uma função de determinação de nomes próprios. Mas em português há pronomes demonstrativos, nomeadamente os invariáveis neutros, que também são usados ao serviço da dêixis emocional. Veja-se o exemplo (6), construído:

² Sobre os nomes próprios determinados por demonstrativos, em francês, veja-se Kleiber 1981.

³ Note-se que o nome em causa pode resultar de uma recategorização de um adjetivo, como se torna claro na expressão ‘*o idiota do meu colega*’.



- (6) Não posso acreditar que vais casar com *aquilo*!

A explicação subjacente a este tipo de uso reside no facto de o pronome *aquilo* ser usado como gesto verbal para designar objetos; ao ser utilizado para referir um ser humano, perspetiva-o como uma entidade não humana, reduzindo-o, por conseguinte, a um objeto, o que implica, naturalmente, uma expressão de não empatia por parte do falante.⁴

A nossa linha de argumentação, até agora, defendeu e ilustrou a hipótese de que o uso de demonstrativos no plano da dêixis emocional recorta metaforicamente a sua função localizadora espacial: demonstrativos de proximidade expressam envolvimento emocional do locutor, demonstrativos de distância expressam o oposto. Mas esta hipótese não é consensual. De facto, em Miguel & Raposo (2013:876), afirma-se que os demonstrativos da série de *aquela*, apesar de poderem ser usados para expressar distância afetiva, “parecem ser mais usados com valor positivo”, o que contraria o que temos vindo a defender. O exemplo dado pelos autores (um exemplo construído) é o seguinte: *aquilo é que é um homem*. Parece-nos, no entanto, questionável afetar uma leitura positiva inequívoca ao enunciado em apreço, completamente descontextualizado, dada a possibilidade de se tratar de um enunciado usado ironicamente. No CRPC, encontrámos dois exemplos relevantes com o demonstrativo *aquilo*, que passamos a apresentar:

- (7) Porque a lambisgóia da Teresa Borges diz que a gente às vezes come mal só para forrar. Aquilo é que é uma desbocada.
- (8) Aquilo é que é uma cabecinha! Diz que bota sonetos e lê pelos livros dos grandes doutores!

Em (7), a leitura é claramente depreciativa, havendo plena compatibilidade semântico-pragmática entre o demonstrativo e o predicador nominal *desbocada*, no sentido em que ambos convergem numa avaliação negativa da entidade referida. Assim, trata-se de um exemplo real que valida a nossa hipótese de que *aquilo* é um dêitico emocional marcador de não empatia. Já em (8), a construção que envolve o demonstrativo ativa de facto uma leitura apreciativa, de proximidade afetiva, corroborada pelo diminutivo e pelo enunciado subsequente.

Perante dados não convergentes, perfilam-se duas hipóteses explicativas: a primeira envolve a convocação da noção de auto-antonímia ou polissemia antonímica (cf. Lewandowska-Tomaszczyk 1998), um fenómeno de acomodação de valores contrários na mesma categoria; a segunda envolve a caracterização prototípica do valor dêitico emocional do demonstrativo invariável, deixando em aberto a possibilidade de um outro valor, periférico e contextualmente modulado. De acordo com a primeira hipótese, diríamos que se verifica a acomodação de valores de distância afetiva (valores depreciativos) e proximidade afetiva (valores apreciativos) no demonstrativo invariável, o que, *ipso facto*, o transformaria num dêitico emocional polissémico. Esta solução tem a desvantagem de inviabilizar uma proposta mais consistente, homogénea e elegante de análise dos demonstrativos, ancorada num mecanismo de extensão metafórica do espaço físico para o espaço emocional. Assim, defenderemos a segunda hipótese, consentânea com a caracterização das

⁴ A noção de *construal operations*, central na Linguística Cognitiva (cf., e.o., Langacker, 1987, Croft & Cruse, 2004), permite, a nosso ver, captar o que está em jogo nestes usos do demonstrativo invariável. De facto, se se assumir que as ‘construal operations’ são operações de conceptualização (da experiência a comunicar) que resultam da escolha de expressões ou construções linguísticas alternativas, ao dispor do falante, facilmente se conclui que uma categorização linguística não-humana de uma entidade humana corresponde a uma escolha subjetiva, tendente a realçar a atitude do falante face a essa entidade.



categorias linguística em termos de centro prototípico: os demonstrativos invariáveis têm uma leitura prototípica não empática quando aplicados a seres humanos; só informação de natureza co(n)textual permite reverter tal leitura.

Quanto aos demonstrativos com valor dêitico emocional em contexto de SN genericamente interpretados, o segundo contexto destacado em Potts & Schwarz 2000, a nossa pesquisa não foi muito frutífera. Todavia, encontrámos alguns exemplos interessantes:

- (9) E estes jovens de hoje não conhecem muito do que Abril de mais belo teve. (CRPC)
- (10) Estes portugueses são loucos! (cartoon de Luís Cardoso)⁵

O artigo definido, singular ou plural, poderia ter sido selecionado, viabilizando um ato de referência genérica aos jovens de hoje (9) e aos portugueses (10). Mas a escolha do falante recai no demonstrativo, que assume, para além de um valor generalizador, um traço de envolvimento emocional que está de todo ausente quando se usa o artigo definido.⁶ E parece legítimo e inquestionável afirmar que o facto de o demonstrativo colocar o sujeito da enunciação em cena é a chave para se perceber o seu potencial afetivo/emocional.

Assinale-se que, no exemplo (10), tal como, aliás, no exemplo (8), há uma correlação entre usos afetivos dos demonstrativos e enunciados exclamativos, perfeitamente justificável. De facto, a produção de um enunciado com força ilocutória exclamativa envolve a expressão de um estado emocional e/ou avaliativo do falante, tal como o uso emocional dos demonstrativos. Deste modo, são estruturas linguísticas plenamente compatíveis, que acabam por se reforçar mutuamente, no domínio semântico-pragmático.

Sublinhe-se ainda que na dêixis emocional que convoca o uso dos demonstrativos o referente não está presente no contexto situacional nem é recuperável a partir de um antecedente discursivo. No entanto, o traço [+definido] do demonstrativo implica que o falante assume que o referente é familiar para o interlocutor. Assim, estes usos apontam para entidades que supostamente integram um *common ground* partilhado e, concomitantemente, evocam solidariedade com o interlocutor. E isto porque o falante, ao expressar distância ou proximidade afetiva face a um determinado referente, se expõe emocionalmente, o que indicia e promove uma relação interpessoal de partilha.

Até agora, falámos do papel dos dêiticos espaciais, nomeadamente dos demonstrativos, na expressão da dêixis emocional. Mas será que este tipo de dêixis, em português, se esgota nos demonstrativos? A resposta não é linear. Com efeito, também os advérbios dêiticos locativos *cá* e *lá* parecem terreno fértil para extensões de significado, no PEC. Vejamos alguns exemplos:

- (11) Depois daquela coisa peregrina de um banho cor de burro quando foge aos táxis (...) só *cá* faltava a invenção do formato de bolso. (CRPC)
- (12) Só *cá* faltava mais essa! (CRPC)
- (13) *ext16663-eco-95b-1*: P. – Mas diga *lá*, entre Fernando Nogueira e António Guterres, qual poderá dar um melhor primeiro-ministro?

Nos exemplos, o primitivo dêitico locativo *cá* – que tipicamente aponta para um espaço que, sendo abrangente e não circunscrito, envolve necessariamente o falante – ocorre despojado do seu valor semântico

⁵ No cartoon, a fala é atribuída a Astérix, numa clara alusão intertextual à célebre frase *Ils sont fous, ces romains!*

⁶ Em Miguel & Raposo (2013), afirma-se que alguns falantes associam a usos deste tipo uma “conotação negativa”. Pensamos que tal conotação negativa só é ativada em função da natureza da predicação (por exemplo, *estes jovens de hoje são ignorantes*). O demonstrativo em si não legitima tal ‘conotação’.



de localização espacial, sendo antes usado para marcar investimento (*engagement*) pessoal do falante naquilo que diz. Tornando mais clara e rigorosa a análise que aqui se propõe, diremos que *cá* funciona, nos exemplos em apreço, como um marcador de intensificação da força ilocutória expressiva dos enunciados que o hospedam. Neste tipo de contextos, a posição do item altera-se: com efeito, ao contrário do advérbio locativo, que ocupa tipicamente uma posição pós-verbal, o marcador de intensificação ilocutória expressiva antecede tipicamente o verbo. Note-se, uma vez mais, a compatibilidade entre a marca exclamativa do enunciado e o valor de reforço expressivo de *cá*.

O padrão que acabámos de descrever aplica-se tipicamente a enunciados que configuram atos expressivos, embora também se encontre um funcionamento idêntico de *cá* em certas asserções, como o exemplo seguinte, construído, ilustra:

(13) Eu *cá* sei o que estou a fazer. (= eu bem sei o que estou a fazer)

No entanto, é relevante acrescentar que se trata de um subconjunto particular de asserções: o verbo principal tem de estar flexionado na 1ª pessoa (do singular ou plural), no presente do indicativo. Veja-se o contraste com *#ele cá sabe o que está a fazer* ou *#eu cá soube o que estava a fazer*. Com atos diretivos e compromissivos, parece excluída a função intensificadora de *cá*, como atestam os exemplos: *#Cá sai da minha frente!* *#Cá prometo que não volto a fazer asneiras*.

Já o dêitico *lá*, igualmente esvaziado do seu valor de localização num espaço distante daquele que o falante ocupa, parece-nos marcar, em (13), uma atenuação da força ilocutória diretiva do enunciado, ao serviço de uma estratégia de cortesia protetora da face do outro.

Talvez seja mais adequado, descritiva e explicativamente, equacionar estes usos de *cá* e *lá* como extensões da dêixis espacial não para a esfera da dêixis emocional, tal como foi anteriormente definida, mas para o domínio da força ilocutória dos enunciados. Sendo que a força ilocutória é uma grandeza escalar, que admite intensificação ou atenuação, *cá* e *lá* podem então ser definidos como marcadores desses mesmos processos pragmáticos. Com esta função, os itens em apreço passam a ter um escopo mais alargado, deixando de funcionar como modificadores de SV e passando a funcionar como modificadores do enunciado, ao nível da sua força ilocutória; por outro lado, assiste-se a uma abstração ao nível do seu significado, na medida em que o valor de localização espacial se apaga, emergindo um valor de marcação de um maior ou menor grau de envolvimento do falante na realização do seu ato de fala.⁷

Concluindo, o percurso de extensão do significado dos dêiticos espaciais, no PEC, parece envolver uma dupla transposição: do domínio referencial para o domínio expressivo, no que toca aos demonstrativos, e do domínio referencial para o domínio ilocutório-pragmático, no que toca aos advérbios *cá* e *lá*. Há, no entanto, um denominador comum: o relevo do falante ou da instância enunciativa nos diversos usos atestados.

2.2. Possessivos

Embora a literatura disponível tenha sempre acentuado a maior disponibilidade do subsistema dos demonstrativos para a expressão da dêixis emocional, consideramos que a cabal descrição desta forma peculiar de dêixis em português terá de contemplar também o subsistema dos possessivos. Na realidade, a noção de posse expressa pelos possessivos não se reduz de todo ao domínio da posse material ou jurídica. Ela envolve igualmente relações de parte – todo, sendo uma das mais salientes a relação de posse inalienável que envolve partes do corpo humano (*o meu braço*) e relações de parentesco (*a minha filha*), para mencionar apenas as mais relevantes. Mas há casos em que, a nosso ver, os possessivos são claramente marcadores de dêixis emocional, sinalizando a atitude afetiva do falante face ao referente designado. Vejam-se alguns exemplos:

⁷ Sobre esta questão, veja-se também Marques & Duarte 2014.



- (14) *ext235205-soc-93a-2*: Chapéus há muitos, *seu palerma*.
(15) *ext1296645-nd-94a-1*: Falas ou não, *sua puta*?
(16) Uma voz do PSD: - *Seu ordinário!*
O Orador: Isto é grave! (CRPC)
(17) O pai da moça entra inesperadamente na sala e exclama: - Ah, *seu patife!* (CRPC)
(18) *ext940515-nd-91b-3*: Acabaram-se os parênteses, nunca mais os haverá, *meu amor*.
(19) *ext1005163-clt-92a-1*: Não sei se tenho alguma coisa a ganhar com isso, *meu velho*.
(20) Tudo bem, *meu*?

No exemplo (20), o vocativo resume-se ao possessivo de 1ª pessoa do singular, uma forma de tratamento que sinaliza, indubitavelmente, proximidade afetiva; o seu uso restringe-se a camadas jovens e faz parte de uma gíria que indicia acolhimento, integração no grupo. Nos exemplos (15) a (19), os possessivos são constituintes de em SN vocativos, seguidos de nomes ou adjetivos nominalizados⁸. Numa primeira leitura, dir-se-ia que o possessivo *seu/sua* codifica tipicamente distância emocional, ao passo que *meu/minha* codifica empatia face ao interlocutor.

Contudo, uma análise mais atenta dos dados mostra-nos que a questão é mais complexa. De facto, não pode ser escamoteada a natureza dos nomes ou adjetivos (nominalizados) que o possessivo determina: *amor* e *querida*, por exemplo, denotam tipicamente, no seu uso vocativo, uma proximidade afetiva entre os interlocutores, sendo, por isso mesmo, plenamente compatíveis com o possessivo de 1ª pessoa, que interpretamos como possessivo de proximidade afetiva (excluem-se, naturalmente, os usos irónicos). Já *palerma*, *puta* ou *ordinário* são unidades lexicais com traços avaliativos negativos (o que legitima o seu uso como insultos), tipicamente compatíveis com o possessivo *seu/sua*, que, formalmente idêntico à forma de 3ª pessoa, funciona nestes contextos como dêitico de 2ª pessoa, numa forma de tratamento que se propõe acentuar a distância afetiva.⁹

Há, porém, ocorrências do possessivo de 1ª pessoa, ainda em sintagmas nominais com função vocativa, que coocorrem com nomes que comportam traços depreciativos, como, por exemplo, *meu estafermo*, *meu sacana*, *meu patife*, expressões atestadas em corpus. Veja-se apenas um exemplo:

- (21) *ext361693-soc-92b-2*: Gustavo, és tu que vais aí, *meu sacana*?

Uma interpretação possível seria, com base em dados prosódicos (e contextuais), falar de usos carinhosos ou de usos irónicos deste tipo de formas de tratamento, o que preservaria a descrição/explicação que temos vindo a propor. Todavia, encontrámos alguns dados que não parecem legitimar senão uma leitura, aquela em que o vocativo com um possessivo de 1ª pessoa está a ser usado para expressar uma valoração depreciativa por parte do falante, não havendo qualquer ironia envolvida. Veja-se o seguinte exemplo:

- (22) Se cuidas que te escapas de mim, guinchou a anã para o alferes a suspender-se-lhe do cinto, andas muito enganado, *meu estafermo*. (CRPC)

⁸ Em Neves (2011: 487-488), refere-se taxativamente que, no português brasileiro, *seu* seguido de adjetivo qualificativo, com conotação negativa, e funcionando como vocativo, exprime provocação; o exemplo dado é *seu idiota*. Quanto ao possessivo de 1ª pessoa, a autora afirma que expressa afetividade ou intimidade, podendo também implicar ironia ou desprezo, em função do contexto de ocorrência. O exemplo dado, para este último caso, é o seguinte: “*se você, minha querida, um dia bater em minha porta, juro que vou esmagar sua cabeça*”. Em suma, a autora, sem convocar o quadro da dêixis emocional, analisa os dados numa perspetiva idêntica.

⁹ Assumimos que há, no PEC, uma 2ª pessoa formal e um 2ª pessoa informal, que percorre quer o subsistema dos pronomes pessoais (*tu/você*) quer o subsistema dos possessivos (*teu, tua/seu, sua*) o que nos permite prescindir da distinção entre pessoa semântica e pessoa gramatical, defendida em Raposo (2013:897-900).



Assim, na ausência de um estudo empírico quantitativo mais robusto, apenas podemos avançar a hipótese de que, tipicamente, os possessivos de 1ª pessoa são usados em expressões vocativas para expressar proximidade afetiva, contendo tal expressão nomes ou adjetivos (nominalizados) com traços semânticos de avaliação positiva, sendo *seu/sua/seus/suas* formas vocacionadas para a expressão, ao nível das formas de tratamento em interlocução direta, da distância emocional do falante.

2.3. Pronomes pessoais e algumas formas de tratamento nominais em vocativo

No PEC, há ainda, a nosso ver, outros recursos linguísticos para a expressão da deixis emocional, que envolvem usos específicos dos pronomes pessoais, realizados ou nulos, e vocativos. Atente-se nos exemplos:

- (23) Então, como vamos (nós) de saúde? (dito pelo médico ao doente, numa consulta)
 (24) Vamos fazer os deveres? (dito pela mãe ao filho)

Trata-se, em ambos os casos, do uso empático da 1ª pessoa do plural. *Nós*, em contextos deste tipo, não tem nem o seu valor inclusivo prototípico nem um valor exclusivo. De facto, o falante seleciona a 1ª pessoa do plural em detrimento de uma 2ª pessoa formal (*como vai de saúde?*) para sinalizar identificação afetiva ou empatia com o doente (22), e a mesma estratégia discursiva ocorre no exemplo (23).

Importa ainda inserir neste estudo um breve apontamento sobre algumas formas de tratamento nominais em função vocativa. Assumindo que tais estruturas também integram a deixis pessoal, dado que apontam para o interlocutor e só são interpretáveis em função do nosso conhecimento do contexto situacional, parece-nos que alguns dos seus usos, no PEC, são igualmente explicáveis à luz da deixis emocional. Veja-se o exemplo seguinte:

- (25) *Senhor Silva*, retrate-se publicamente! (enunciado dirigido a Cavaco Silva)

Em (25), exemplo construído inspirado num fragmento de discurso real de Alberto João Jardim, no qual Cavaco Silva é referido por *senhor Silva* (“o comportamento do senhor Silva é causa de expulsão”), o uso, em vocativo, de uma forma de tratamento nominal com a estrutura *o senhor + apelido*, em contextos de interação em que o destinatário convocaria tipicamente uma atitude de deferência, torna-se um instrumento de desconsideração ou de chacota depreciativa. Consequentemente, tal forma de tratamento, em vocativo, também ilustra o funcionamento da deixis emocional em PEC.

Finalmente, focalize-se um último contexto, no PEC, em que o pronome pessoal clítico *me* parece funcionar ao serviço de um domínio semântico que já não é o da referência dêitica pessoal. Veja-se o exemplo:

- (26) Desliga-*me* essa televisão, por favor!

Em (26), o clítico pessoal *me* não desempenha, em rigor, nenhuma função sintática, dado que não é selecionado pelo predicador. Trata-se do tradicionalmente chamado *dativo ético* ou *de interesse* (Cunha & Cintra 1984, Bechara 2002), que ocorre tipicamente em enunciados exortativos/diretivos, expressando o forte envolvimento do falante no seu ato de fala, com o objetivo último de captar a benevolência do interlocutor, persuadindo-o a responder positivamente ao desejo expresso. O funcionamento deste clítico é claramente distinto do uso dos demonstrativos e possessivos previamente analisados, em que o falante faz referência a uma determinada entidade, marcando a sua proximidade ou distância afetiva. Aqui, a interpretação convoca o nível do dizer, ou seja, o plano ilocutório da significação, marcando o clítico uma intensificação do ato diretivo. Assim, o dativo enfático *me* manifesta afinidades com os marcadores *cá* e *lá*, e não com os dêiticos emocionais.



3. Considerações finais

Com este estudo, procurámos investigar a pertinência do conceito de dêixis emocional no que ao PEC diz respeito. E constatámos que há, efetivamente, um conjunto de expressões de natureza dêitica cuja interpretação, em certos contextos, deixa de ser a interpretação dêitica básica, pessoal ou espacial, e passa a envolver um outro valor, de natureza afetiva, inscrevendo o falante no enunciado. Assim, partimos de uma definição de dêixis emocional em termos de expressão, por parte do falante, de proximidade ou distância afetiva relativamente à entidade referida, graças ao uso de itens que integram duas categorias clássicas da dêixis. E assumimos que, ao serem usados ao serviço da dêixis emocional, tais itens induzem um efeito de solidariedade com o ouvinte, sinalizando que o falante o deseja envolver emocionalmente. De acordo com a definição de que partimos, verificámos que não são só os demonstrativos que funcionam, no PEC, ao serviço da dêixis emocional. Também os possessivos, em contexto de vocativo, bem como outros marcadores da dêixis pessoal (pronomes pessoais, expressos ou nulos, e formas de tratamento nominais em vocativo) ativam leituras que envolvem a expressão da afetividade do falante face à entidade designada.

Verificámos ainda que alguns dêiticos de lugar (*cá, lá*) e o clítico pessoal *me* mobilizam, em diversos contextos, interpretações que não correspondem aos seus valores dêiticos básicos. Tais extensões semânticas convocam o maior ou menor grau de envolvimento do falante no ato de fazer algo ao dizer o que diz, ou seja, marcam reforço ou atenuação da força ilocutória correspondente ao ato de fala que está a ser realizado.

Só um alargamento da definição de dêixis emocional permitiria descrever e explicar, de forma integrada, as últimas extensões de significado mencionadas. No entanto, parece-nos que se diluiria a especificidade da categoria sob análise, a dêixis emocional, sem qualquer ganho significativo no plano da descrição do funcionamento da língua. Assim, optamos por manter sob a designação de dêiticos emocionais todos os elementos que expressam o envolvimento do falante face a um referente designado, ou seja, todos os elementos de natureza dêitica que marcam proximidade ou distância afetiva relativamente a uma entidade referenciada ao nível do dito. Tal confinamento representa, a nosso ver, uma descrição/explicação mais coerente e elegante do fenómeno em apreço.

Já a expressão da maior ou menor intensidade de investimento (*engagement*) manifestado na apresentação do objetivo ilocutório releva de um outro domínio de análise, o domínio acional da significação, ou seja, o domínio do que o locutor faz ao dizer algo. E a marcação de um maior ou menor valor ao nível da grandeza escalar que é a força ilocutória de um enunciado não configura uma extensão metafórica óbvia da dêixis espacial. Consequentemente, perspetivar-se-á o reforço ou a atenuação da força ilocutória (isto é, o maior ou menor grau de envolvimento do falante na apresentação da finalidade do seu ato de fala), realizados por *cá* e *lá*, por um lado, e por *me*, por outro, como um fenómeno cuja descrição e explicação mobiliza o plano ilocutório da significação, restringindo a dêixis emocional à definição que circula na literatura e que configurou o ponto de partida deste trabalho.

Em suma, o funcionamento dos dêiticos analisados neste estudo, nomeadamente dos demonstrativos, ilustram o deslizamento dêixis espacial, pessoal > dêixis emocional, plenamente compatível com a conceção prototípica do significado das categorias linguísticas: para além de um núcleo prototípico de significação dêitica pessoal e espacial, certos itens assumem também significados mais periféricos, que, no entanto, mantêm com o núcleo uma zona central de sobreposição, a saber, a inscrição, no enunciado, da subjetividade do falante: num caso, pela manifestação do falante como coordenada decisiva da referência dêitica, pessoal ou espacial, no outro pela inscrição da empatia ou distância emocional do falante face a um determinado referente.



Referências

- Bechara, E. (2002) *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna.
- Birner, B. (2013) *Introduction to Pragmatics*, Wiley-Blackwell.
- Cunha, C. & Cintra, L.F. (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Sá da Costa.
- Huang, Y. (2014) *Pragmatics*, Oxford, Oxford University Press.
- Kleiber, G. (1981) Du nom proper non modifié au nom proper modifié: le cas de la détermination du nom propre par l'adjectif démonstratif, *Langue Française*, vol. 92, pp. 82-103.
- Levinson, S. (1983) *Pragmatics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Levinson, S. (2000) *Presumptive meanings. The theory of generalized conversational implicature*. Cambridge, MA, The MIT Press.
- Levinson, S. (2004) Deixis, In L. Horn & G. Ward (eds.), *The Handbook of Pragmatics*, Oxford, Blackwell, pp. 97-121.
- Lakoff, R. (1974) Remarks on 'this' and 'that'. *Proceedings of the Chicago Linguistics Society*, 10, pp. 345-356.
- Lakoff, G. (1993) The contemporary theory of metaphor, in A. Ortony (ed.), *Metaphor and thought*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 202-251.
- Lopes, A.C.M. (submetido para publicação em 2017). *Pragmática. Uma introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lopes, Ó. (1971) *Gramática simbólica do português*, Lisboa, FCG.
- Lyons, J. (1977) *Semantics*, 2 vols, Cambridge, Cambridge University Press.
- Majid, A. (2012) Current emotion research in the language Sciences, *Emotion Review*, vol. 4/4, pp. 432-443.
- Marques, A. & Duarte, I.M. (2014) *Cá e Lá: atenuação, reforço e outros valores modais em PE*, in Maria de Fátima Batista (org.), *Anais do 1º Congresso Internacional de Semiótica e Cultura*, João Pessoa, Mídia Gráfica e Editora, pp. 381-393.
- Mateus, M. H. M. *et al.* (2003) *Gramática do Português*, Lisboa, Caminho.
- Neves, M. H. (2011) *Gramática de Usos do Português*. Editora UNESP.
- Potts, C. & Schwarz, F. (2000) Exclamatives and heightened emotion: extracting pragmatic generalizations from large corpora. Acedido em junho de 2017, <https://pdfs.semanticscholar.org/eb26/59df50f38d496eef0425220c6975b8ebfaa9.pdf>
- Potts, C. (2007) The expressive dimension, *Theoretical Linguistics*, vol. 32/2, pp.165-198.
- Brito, A. M. & Raposo, E. P. (2013) Complementos, modificadores e adjuntos no sintagma nominal, in Raposo *et al.* (orgs.) *Gramática do Português*, vol. 1, Lisboa, FCG, pp. 1045-1113.

